

ASPECTOS DA INDEPENDÊNCIA DO EQUADOR

Maj AMERINO RAPOSO FILHO.

(Conferência comemorativa da Independência do Equador, feita na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército)

SUMÁRIO

- 1 — Introdução
- 2 — Independência do Equador
- 3 — Batalha de Pichincha
- 4 — Entrevista de Guayaquil
- 5 — Conclusão

INDEPENDÊNCIA DO EQUADOR

1 — INTRODUÇÃO

A finalidade de nossa palestra, na data magna dos camaradas equatorianos, é endereçar uma homenagem, menos ao Equador e às lutas e glórias de seu povo, que às demais nações sul-americanas. Por isso mesmo achamos de convir que esta seria a melhor forma de significar nosso aprêço ao País irmão. Pois, a evocação da data máxima do Equador sugere excelente oportunidade para que, num ambiente idealístico de exaltação pan-americanista, realçar o sentimento da contribuição dos valorosos filhos das antigas Províncias de Quito e Guayaquil à América Espanhola, em particular e, de resto, à comunidade americana.

Falar sobre o Equador, Senhores, é ter o privilégio de interpretar o sentimento de quantos nasceram no Novo Mundo, em termos de admiração e respeito por esse pugilo de bravos que primeiro se levantaram contra o domínio espanhol no continente sul-americano. É reviver, no simbolismo da verdadeira fraternidade americana, a concretização positiva do sonho de Bolívar,

realçado na atuação de outros vultos, não menos notáveis. Vultos que emolduraram, em terras equatorianas, o quadro resplandescente do equilíbrio sul-americano.

Extraordinária foi a influência, principalmente de posição, exercida pelos territórios que hoje integram a República irmã, tendo em vista os países que lhes são lindeiros.

Srs.: aí o propósito da homenagem que hoje tributamos ao Equador, assinalando sua influência:

— no processo de emancipação política hispano-sul-americana;

— propiciando condições mais favoráveis ao amadurecimento dos ideais de liberdade;

— eliminando prováveis zonas de atrito entre as antigas colônias;

— contribuindo, finalmente, para a afirmação do ideal pan-americano.

2 — INDEPENDÊNCIA DO EQUADOR

O ponto de partida para a compreensão do verdadeiro papel desempenhado pelo Equador na configuração dos Estados andinos é o

processo de sua emancipação política. Sua origem remonta ao século XVIII, porém, principalmente ao início do século seguinte e, aí, vamos encontrar o primeiro movimento organizado da Revolução de Quito, precisamente a 10 de agosto de 1809. Movimento que reflete os anseios de liberdade e que vai traduzir-se no nascimento do primeiro governo independente da América Espanhola. Dando oportunidade, inclusive, a que desabrochem processos semelhantes, no ano imediato, em Caracas, a 19 de abril; Buenos Aires, a 25 de maio; Santa Fé de Bogotá, a 20 de julho; México, a 16 de setembro. Finalmente, Santiago do Chile, a 18 de setembro. Por aí os Senhores vêem que o ideal de independência florescente nos povos tutelados por Espanha foi liderado pelo Equador.

E aqui calha uma observação histórico-filosófica: enquanto o Brasil lidera no continente americano o sonho republicano, que aflora na histórica Olinda, em 1710, naquele pedaço de terra nordestina, o Equador reivindica para si a glória da primazia republicana, um século depois, na América espanhola. Ainda por curiosa coincidência, é no mesmo ano, de 1822, que ambos, Equador e Brasil, se afirmam independentes.

Como, de resto, se observa nos processos revolucionários, que são, via de regra, de gestação lenta, de duração prolongada, para que seus propósitos não se traiam, para que suas finalidades não se deturpem, a soma de princípios, sobretudo a súpula de idéias que conceituam a luta pela independência do Equador, essa remonta ao passado, à colonização.

Aparece com o sacrifício daquele extraordinário líder indígena, que foi Atahualpa, no ano de 1532, supliciado pelos espanhóis conquistadores. O que vai possibilitar a fundação de Quito, em 1542, marco inicial da dominação européia. E Quito passa a constituir o foco dos movimentos insurrecionais que têm início no século XVII e se prolongam até o século XIX, todos de caráter nitidamente popular.

Outro vulto extraordinário, pela origem humilde, pelo vigor das idéias, pela obstinação em transplantar para sua Pátria os princípios democráticos e republicanos, surgidos nos EE. UU. e aplicados na França em 1789, foi, sem dúvida, Eugênio de Santa Cruz y Espejo. Espírito superior, culto e combativo, tudo sacrificou, até a vida, em bem dos ideais, nunca traídos, de tudo fazer pela libertação de sua terra.

Simboliza, Senhores, o mesmo espírito de reação idealística de nosso proto-mártir da independência, Tiradentes, cujas lutas e sacrifício glorioso se dão na mesma época em que Espejo estava na plenitude de sua campanha pela independência de Quito.

Portanto, os acontecimentos de 10 de agosto de 1809 representam o coroamento de um longo processo reacionário, de esforços e sacrifícios do povo quitenho e de seus líderes, no sentido de construir uma pátria livre e independente. Luta que não pára porque é feita em etapas.

Um ano depois toda a América espanhola ardia na revolução. E é o fracionamento desses esforços, aliado à simultaneidade dos eventos, que vai circunscrever as lutas, acarretando divergências, ambições e ódios entre as Presidências, Capitânicas e Províncias. O que vai provocar choques internos, fazendo sucumbir a maior parte dos movimentos autonomistas. Principalmente o de Quito, tão próximo do centro de dominação espanhola, que era o Vice-Reinado do Peru.

Somente Buenos Aires, bem ao Sul, no estuário do Prata e Caracas, ao N, vão firmar-se e dar estabilidade a seus governos independentes, de modo quase definitivo. Mais ainda: procurarão estender o cinturão da emancipação hispano-sul-americana, seguindo ambos a cordilheira andina, Buenos Aires em demanda do N, enviando forças libertadoras ao Paraguai, ao Alto Peru, até Quito. Caracas, rumando o Sul, para Nova Granada e Venezuela, em direção a Quito e Guayaquil. (Esbôço n. 1).

O segundo decênio do século XIX vai se caracterizar, então, por uma série de campanhas, principalmente nos Vice-Reinados do Peru e de Grã Colômbia. Esforços gloriosos vão desenvolver-se nas zonas de contato, ainda mal definidas, desses Vice-Reinados. As solicitações das forças libertadoras, tendo em vista emancipar as diferentes Províncias, esforço que se fazia simultâneo e acarretava, em consequência, resultantes às vezes nulas; tais esforços inglórios vão produzir seus frutos, prematuramente amadurecidos. Por isso mesmo inaproveitáveis. Enquanto Quito é subjugada e incorporada à força da Colômbia — e se mantém sob sua tutela, por vários anos — duas outras províncias ao S, Cuenca e Guayaquil, e outra, Pasto, ao N de Quito, esforçam-se por derrubar o sistema de domínio, que não mais suportavam. Principalmente Guayaquil que, já em 1820, novamente fazia arder a chama da liberdade, projetando-a até o Chimborazo, infelizmente sem correspondência recíproca das povoações do N, o que faz submergir, uma vez mais, o sonho de independência.

Interessante é fixarmos a atenção para um fenômeno curioso. De início, Quito se constitui o centro de gravidade das lutas pela independência nos Andes. É mesmo, como assinalamos o ponto de partida para as demais florações de liberdade. Frustradas as primeiras tentativas, desloca-se o esforço, no segundo decênio do século XIX, para Guayaquil, sob dominação do Peru, enquanto Quito se mantém presa à Colômbia. É que Guayaquil, à medida que o plano de San Martín se desenvolvia, no sentido de libertar o Chile e, depois Lima, passou a ser o ponto de atração dessas forças. Para aí foi mandada uma esquadra de Buenos Aires, em 1816.

Deste modo, enquanto a pressão realista diminuía em Guayaquil, as notícias de novos triunfos de Bolívar na Colômbia, culminando com a Batalha de Boyacá, em 1819, traziam o calor ardente dos bafejos de liberdade. Aumentado, sem dú-

vida, com as vitórias de San Martín, ao Sul.

Este pequeno bosquejo histórico teve por finalidade precípua focalizar o papel relevante das Províncias de Quito e Guayaquil no processo de emancipação hispano-sul-americana. Primeiramente Quito como ponto de irradiação e espargimento dos ideais de liberdade democrática e republicana. Em seguida, principalmente Guayaquil, como convergência das correntes libertadoras, contrárias, conduzidas pelo gênio militar e político de dois homens extraordinários da América: Bolívar e San Martín. Tendo a materializar a convergência de suas ações os dois centros diversificadores do sonho de liberdade nos Andes:

— Quito, com a Batalha de Pichincha, projetando, com realce extraordinário, a figura do Marechal Sucre.

— Guayaquil, com a histórica entrevista entre Bolívar e San Martín.

Ambos os acontecimentos, de valor inestimável e definitivo para a futura soberania do Equador:

— Pichincha, tornando Quito independente, podendo decidir sobre seu destino;

— a Entrevista, impedindo a absorção de Guayaquil pelo Peru e possibilitando, o que é mais importante, a união das duas Províncias numa só comunidade nacional;

— finalmente, como resultado de ambos, a expansão do ideal pan-americano de liberdade e união em torno de interesses comuns.

3 — BATALHA DE PICHINCHA

a. *Antecedentes Históricos* (Esboço n. 1).

Enquanto Bolívar, ao N, estava em plena campanha de libertação do jugo espanhol, durante o ano de 1820, recebe em Barinas a notícia da independência de Guayaquil, a 9 de dezembro de 1820. Os triunfos de Boyacá, em 1819, seguidos de outros no ano seguinte, induziram o Libertador a prosseguir no seu avanço para o Sul,

tanto mais quanto as informações que recebera da ação de San Martín, vindo do Prata com forças argentinas e chilenas, eram as mais animadoras.

O grande sonho de Bolívar, de emancipar inteiramente a América, ao contrário de libertar províncias ou cidades isoladas, estava em plena realidade, florescendo no continentalismo das lutas contra o dominador comum. Ora, é nesta oportunidade, quando o Protetor dominava grande parte do Vice-Reinado do Peru e o Libertador, outro tanto na Grã Colômbia, que a Província de Guayaquil rompe os laços que a uniam ao Peru.

Qual o significado e os efeitos desse evento? Vejamo-lo.

Guayaquil, beneficiando-se da pressão exercida pelas forças navais de San Martín, que bloqueavam os portos do Pacífico, inclusive Guayas — o que enfraquecia o Exército Realista — levanta-se na manhã de 9 de outubro de 1820, proclamando que "A Província de Guayaquil se declara independente e em inteira liberdade para unir-se às que se formarem na América do Sul".

Vêde que estava perfeitamente caracterizado o ideal do Libertador. Guayaquil libertava-se do domínio ultramarino, no entanto, se reservava o direito de integrar um novo organismo em terras da América. É essa atitude desassombrada que, não apenas comove a Bolívar e a San Martín, como o que é principal, os incentiva a estender as mãos sem perda de tempo, a esse bravo e heróico povo. Impulsionando-os, mais e mais, a fim de libertar as demais províncias, que eram muitas e tuteladas por Espanha. Aí a lição de Guayaquil: acelerar o processo de libertação do restante Vice-Reinado do Peru e da Grã Colômbia.

Assim entenderam o Libertador e San Martín. Tanto que retomaram seus movimentos, tendo em vista aumentar a pressão sobre os espanhóis, além de enviar tropas e chefes capazes em socorro de Guayaquil.

Bolívar enviou seu melhor auxiliar, o Gen Sucre, chefe de extraordinário valor e de excepcionais qualidades morais, para ajudar diretamente a Guayaquil, convidando-a a integrar a Colômbia, já emancipada. Enquanto ele, Bolívar, cerrava sobre Cali, tendo em vista dominar Quito.

Sucre encontrou Guayaquil em situação muito difícil e pressionada pelas forças do General Aymerich, Presidente da Audiência. Dada a tropa que Sucre trouxera, foi possível passar à ofensiva e, em manobras hábeis, vencer aos realistas em Yaguachi (19-VIII-821), em Cuenca, obrigando, inclusive, a retirada de Guaranda. Em consequência, Aymerich refluí suas forças para o N e concentra o grosso em Quito, ao mesmo tempo em que Sucre retrai-se para Guayaquil, aí ficando em expectativa estratégica. Tudo decorrência de pequena trégua, aproveitada por Sucre, até que os acontecimentos em Pasto, ao N de Quito, se esclarecessem. Bolívar é informado dessa decisão de Sucre e de que ele iria sobre Cuenca, logo que possível.

Essa a situação ao S de Quito, com as forças comandadas diretamente por Sucre. E ao N, em Pasto?

Dadas as características da região de Pasto, extremamente hostis, pelo clima, pelas febres e pestes, pela ferocidade de seus habitantes, pela impressionante fidelidade aos realistas e pelas barreiras naturais, quase intransponíveis, todos os esforços, no sentido de libertar Quito pelo N, aí se esfacelariam. Agravava esse quadro o fato da chegada de mais 600 veteranos sob o comando do Cel Murgeon. Daí se infere que dificuldades não teria Bolívar para libertar Quito, atuando pelo N! Foi quando o Libertador concebeu o audacioso plano de abordar Quito por meio de um movimento pelo mar, evitando as inóspitas regiões da cordilheira, o que consistia em: embarcar no porto de Buenaventura, no Pacífico, com 2.000 homens selecionados de Laguardia, nos transportes que ordenara ao General Sucre en-

viasse a esse pôrto. Com essas forças ele, Bolívar, dirigia em pessoa a campanha de Quito, deixando uma pequena tropa para defender a cidade de Popayan, fixando o inimigo nessa direção. Tal plano apresentava um sem número de vantagens, a principal das quais era resolver, de saída, a questão de Guayaquil.

Infelizmente, Bolívar não pode realizar esse plano, pois recebeu notícias do desembarque de forças espanholas em Esmeraldas, inclusive duas fragatas, o que iria comprometer o seu comboio marítimo, sem nenhum navio de guerra para proteção. Impunha-se, como única solução, marchar por Patia e Pasto.

Esforços incalculáveis teve de vencer Bolívar para vir pela cordilheira e participar da campanha do Equador. Mais de 700 milhas percorreram seus homens.

Os Senhores imaginem, fazendo abstração da facilidade com que assinalamos o movimento do Libertador e suas forças em demanda do Sul, que epopéia de sacrifícios não representaram essas jornadas. Atentem para a travessia de uma região considerada das piores do mundo, pelo clima, pela temperatura, febres e epidemias; terreno despojado de vias de transporte! Só mesmo o ideal de Bolívar, de socorrer os heróicos lutadores de Guayaquil e de Quito, poderia justificar tantas vicissitudes e horrores e vencer tantos obstáculos, para executar a Campanha de Libertação do Equador! Muitos dos valores veteranos, que cooperaram nas lutas e nas glórias de Boyacá e Carabobo — e foi consideravelmente grande o número deles — encontraram o túmulo nessas regiões adversas e hostis.

Contra todos esses fatores, e a despeito deles, o Libertador desemboceu, pelo N de Po Payan, com o propósito de participar da Campanha histórica de 1822. Sucre, no entanto, se antecipa a Bolívar e domina Quito antes de Bolívar. Precedendo, mesmo, de dois dias, a rendição das tropas realistas em Pasto, que se entregam ao Li-

bertador, depois da vitória de Bomboná.

b. *Situação Geral* (Esbôço n. 2).

Sucre planejou reunir as forças colombianas e peruanas na região de Saraguro e atacar, em seguida, o Ex Realista, prosseguindo sobre Quito, a fim de apoderar-se desta base de operações e das autoridades principais. A finalidade dessa operação era cooperar com a ofensiva do Bolívar, conduzida pessoalmente por ele, de N para o S.

Dada a situação dos Realistas, podemos admitir como sendo intenção de Aymerich permanecer com o grosso de seu Exército em Quito, cobrindo essa Província com duas forças: uma ao N, em Pasto e outra, ao S, em Cuenca, tendo em vista fazer face aos Exércitos de Bolívar e Sucre, respectivamente.

Para a realização dessa manobra dispunha Sucre dos seguintes meios:

Colombianos:

— 1 Divisão sob as ordens de Sucre e constituída por:

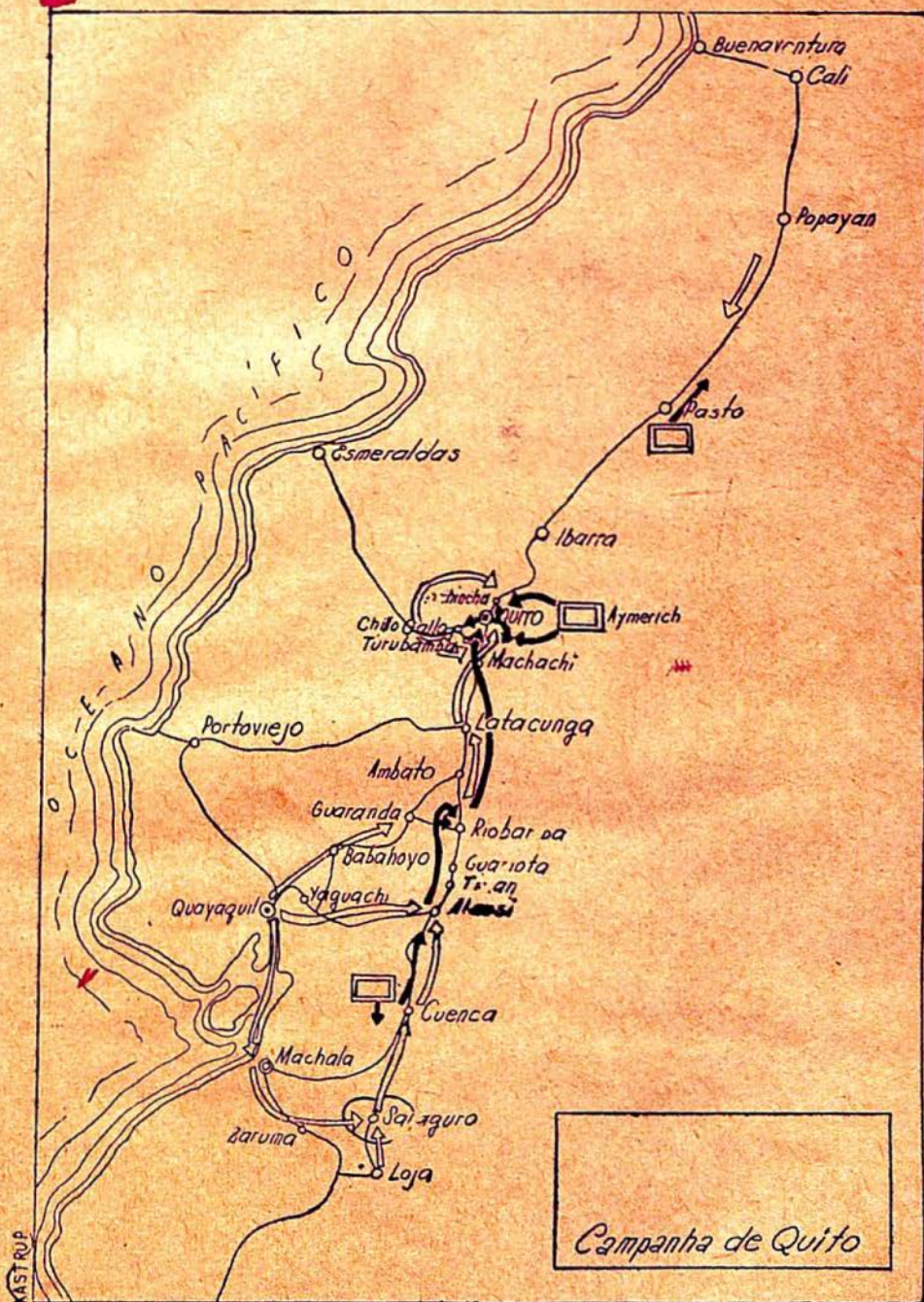
- Btl Albion;
- Btl Paya (há pouco chegado à Colômbia e reduzido à metade).
- Btl Yaguachi (de Guayaquil).
- Esqd Dragões e 4 peças de artilharia.
- Total: 1.200 homens.

Peruanos:

— 1 Divisão Auxiliar, comandada pelo Cel Santa Cruz, constituída por:

- Btl Trujillo n. 2;
- Btl Piura n. 4;
- Esqd Cruzadores do Peru;
- Esqd Granadeiros a Cav (Argentina);
- Total: 1.600 homens.

As forças de Aymerich totalizavam efetivo muito mais reduzido que as tropas de Sucre, à base de 3 Btl (Atiradores de Cádiz, Constitución e Aragón) e 1 Esqd.



c. *Evolução dos acontecimentos.*

A Divisão de Sucre, organizada em Samborondon, partiu de Guayaquil e, seguindo por Machala, alcançou Saraguro, a 9 de fevereiro, conforme estava previsto. Enquanto isso, a Divisão de Santa Cruz, formada em Piuza, seguia para o N, por Maracá, Caramanca e Loja, indo ter a Saraguro no mesmo dia que Sucre.

Essa região fôra escolhida para concentração não só por ser equidistante de Samborondon e Piuza, como suficientemente afastada para evitar que as Divisões fôssem batidas por partes.

A 19 de Fev saiu Sucre de Saraguro com suas forças, entrando em Cuenca a 27, sem combater, pois que Toldrá havia abandonado a cidade, dias antes. Sucre aí permaneceu por mais de um mês, exatamente até 28 Mar, devido à situação política em Guayaquil, por um lado, e tendo em vista a esperada atuação de Bolívar, sobre Quito.

Retomando o movimento, prosseguiram as duas Divisões para o N, tendo recebido o restante do Btl Paya em Alausi. As tropas de Toldrá foram pressionadas por Sucre desde Tixan até Riobamba. A 21 Abr, Sucre montou sua manobra, visando a envolver os realistas pela retaguarda. Durante a execução desse movimento, os espanhóis perceberam a intenção dos patriotas e se retiraram, sendo perseguidos e batidos por duas cargas de cavalaria.

Depois da vitória de Riobamba, Sucre aí permaneceu até 29 de abril.

Do lado realista houve algumas modificações: o Cel Toldrá foi substituído pelo Cel Lopez e o Gal Mugeon, que assumira a Presidência de Quito no lugar de Aymerich, morreu a 8 de abril. Novamente Aymerich assume o governo.

No dia 29 de abril partem as Divisões de Sucre para o N, rumo a Quito, entrando em Latacunga a 2 de maio, onde aí estacionaram até a chegada do Btl Magdalena, que Bolívar enviara sob o comando

do Cel Córdoba. Incorporado esse Btl, a coluna prossegue a marcha em busca do contato com o inimigo que, supunha Sucre, estava em Machachi, a cavaleiro do caminho que conduzia a Quito. Ocupavam os realistas as alturas de Jalupa e Viudita, ao Sul de Machachi.

Sucre desbordou essas alturas, por E, prosseguindo até o Vale do Rio Chillo, a SE de Quito, onde a Vg chegou a 16 de maio e, o grosso, nos dias seguintes. O Cel Lopez, no entanto, que percebera ter sido a posição de Machachi desbordada, retira-se para o N e, sem perda de tempo, atinge Chillo no mesmo dia em que a Vg de Sucre aí chegava.

Enquanto as Divisões de Sucre cerravam sobre Chillo, Lopez pensa em nova defesa a cavaleiro do caminho que conduzia a Quito, para o que instalou sua tropa nas alturas de Puengasí, a SE da povoação de Chillo, dominando assim o Vale ocupado pelos patriotas.

Sucre iria burlar novamente esta defesa.

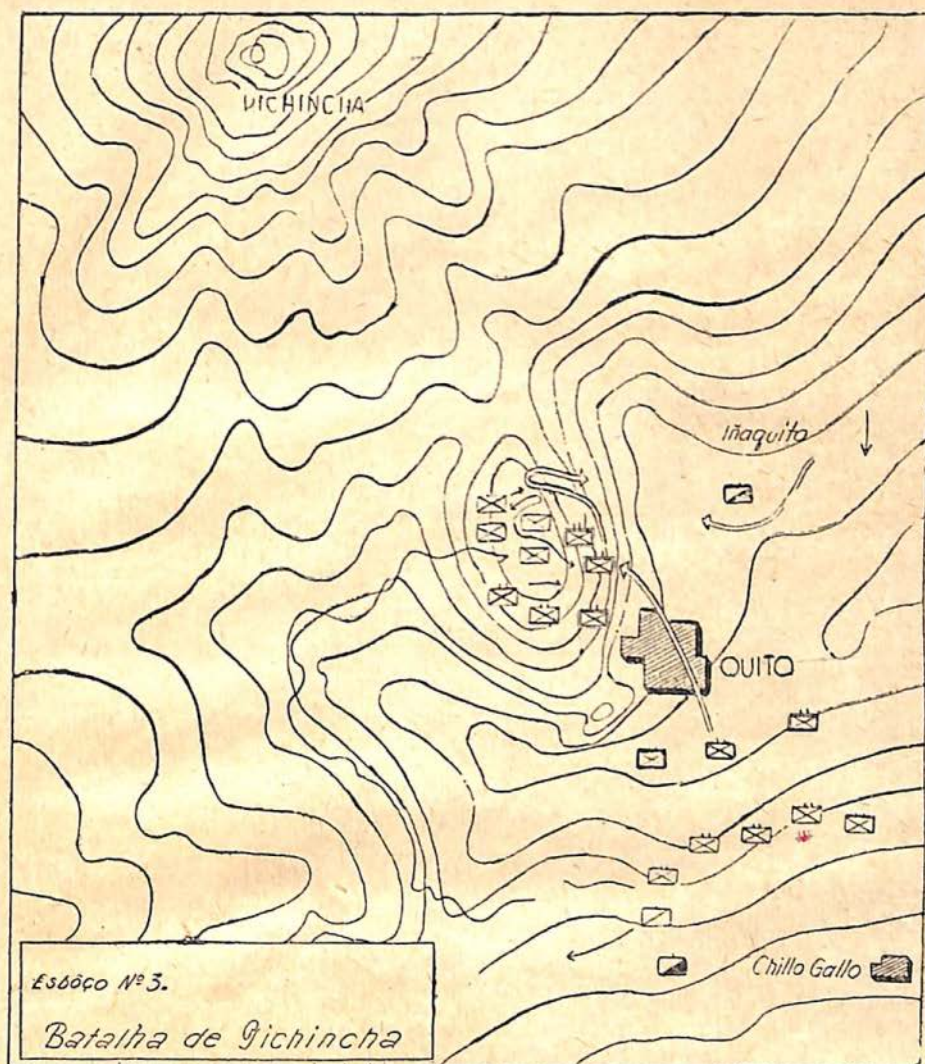
d. *Situação Particular (Esboço n. 3).*

No dia 21 de maio, Sucre foi informado de que Aymerich iria receber reforços, em curto prazo, vindos de Pasto, para a defesa de Quito. Assim sendo, o Chefe dos patriotas, que já tinha feito várias tentativas para travar combate com Aymerich, frontalmente, tôdas em vão, decide montar uma audaciosa manobra, novamente de desbordamento, pelo flanco direito do adversário. A finalidade desse desbordamento de Quito era possibilitar a Sucre colocar suas forças entre esta cidade e Pasto, impedindo a chegada dos reforços.

Havia que realizar a operação, sem perda de tempo e sob absoluto segredo, levando as tropas para a colina de Iñaquito, por um caminho inteiramente desfavorável, sinuoso e difícil.

Para esse movimento, iniciado às 232100 de Mai, em dois escalões, Sucre organizou dois Gpt:

- 1º Gpt: Cmt Cel Santa Cruz;
- Composição: Btl Trujillo,



Piuzza e Magdalena;

— 2º Gpt: Cmt Gal Sucre;

— Composição: Btl Yaguachi, Paya e Albion.

A Cavalaria seguiria fracionada, dadas as dificuldades do terreno. Os Dragões realizariam amplo desbordamento, contornando as elevações de Pichincha e atingindo o caminho que conduzia a Pasto. A Artilharia também ficou fracionada, ainda por imposição do terreno.

As tropas marcharam durante toda a noite, por um terreno extremamente difícil e escarpado, representado pelas encostas abruptas e vulcânicas de Pichincha. Às 240800, os primeiros elementos atingiram as encostas do Pichincha, que dominam Quito pelo N. O rendimento não foi o previsto por Sucre, que contava ter, ao amanhecer, o grosso de suas forças em Iñaquito. Igualmente se atrasaram o 2º Gpt e o parque.

Durante a noite de 23-24 o Cel Lopez, percebendo a intenção de Sucre — por informação de agentes e espões — decide atravessar a cidade de Quito e deter o avanço de Sucre ainda nas faldas do Pichincha. Tal providência imprudente vai ensejar um combate de encontro, na manhã de 24.

e. A Batalha.

A Vg de Santa Cruz atingiu a encosta do Pichincha, aí recebendo ordem de permanecer, até que o grosso das forças cerrasse à frente. Às 0930 o Cel Santa Cruz foi informado de que os realistas se aproximavam pelo outro lado da encosta. Imediatamente comunicou o fato a Sucre, que vinha em segundo escalão, dizendo-lhe que a oportunidade era boa para atacar. Ao mesmo tempo, determinou aos Btl Trujillo e Paya que avançassem e detivessem o avanço.

As Cias de Caçadores estabeleceram contato com o inimigo e, às 1000, abriram fogo contra o adversário, que foi detido na subida da encosta, sendo obrigado a se aferrar ao terreno e aí ficar meia hora.

Uma vez engajado o Btl Trujillo, os outros dois, que vinham em 2º escalão, cerraram à frente, ficando o Yaguachi à esquerda e o Piuza à direita. O Btl Magdalena recebeu ordem de desbordar o flanco direito do inimigo, o que não pôde realizar, devido à potência do fogo e às dificuldades apresentadas pelo terreno, que obrigava o Btl a marchar a uma distância ao alcance do fuzil. O Btl Magdalena teve de retrair-se e passar à reserva, à esquerda do dispositivo.

Nesse momento, chega ao campo de batalha o Btl Paya, que formou a 2ª linha, à Rtg do Btl Trujillo. Deste modo, todos os Btl aí estavam, exceto o Btl Albion, que ficou um pouco atrasado, protegendo o trem de munição.

Em consequência, às 1100, quando o remuniamento se tornou necessário, dado o grande consumo, principalmente dos Btl peruanos, que atiravam há mais de 1 hora, tal providência não pôde ser to-

mada. O trem estava muito recuado.

Sucre decidiu, então, para ganhar tempo: os Btl Trujillo e Piuza, que mais se empenharam em combate, deviam ceder terreno. Enquanto isso, o Btl Paya contra-atacaria no intervalo dos dois Btl. O Btl Paya portou-se bravamente, dando uma carga a baioneta.

A essa altura o Cel Lopez, Cmt das forças realistas, percebendo que o ataque frontal dos Btl Atiradores de Cadiz e Constitución havia fracassado, tentou desbordar os patriotas. Para essa manobra determinou que 1/2 do Btl Aragon desbordasse o flanco esquerdo das tropas de Sucre.

Tal movimento foi percebido e, quando os elementos do Btl Aragon terminavam o desbordamento, defrontaram com parte do Btl Albion (que chegara ao campo de batalha protegendo o parque). No choque entre os contendores, levou a melhor o Btl Albion.

Novamente surge o problema do remuniamento, havendo necessidade de retrair um Btl de 1º escalão para ser remuniado. Para tal foi necessário Sucre ordenar que o Btl Magdalena avançasse, o que foi feito, sendo notado, então, que o flanco direito dos realistas cedia terreno.

Percebendo a confusão dos realistas, o Cmt do Btl Magdalena, por sua iniciativa, lançou uma carga a baioneta, aproveitando esse momento de crise e aumentando a desmoralização do inimigo. O próprio Cmt, Cel Cordoba, encabeçou a carga do Btl, grandemente favorecido pelo terreno, em declive, e lançada numa ocasião muito oportuna. Donde o excelente resultado, ficando a resistência realista comprometida em toda a linha.

Os demais Btl de Sucre, arrastados pela impetuosidade do Magdalena, seguiram o movimento. Em curto prazo, os Btl patriotas, mais numerosos que os adversários, desbarataram os três Btl do Cel Lopez, que abandonaram o campo e fugiram para Quito. Refugiaram-se no forte do Panecillo, no monte desse nome, ao Sul da cidade.

As 1200 a vitória sorria para Sucre.

As outras armas, de ambos os adversários, não tomaram parte neste combate, dadas as características do terreno. A cavalaria de Toldrá, percebendo a derrota, retirou-se de Iñaquito para Pasto. Porém, o Esqd Dragões, que assistia a todo o desastre dos realistas das alturas de Iñaquito, dispersou-se em todas as direções. O Esqd de Cestari, que recebera ordens para ficar em condições de cortar a retirada dos adversários para o N, deslocou-se por W e estava ao N de Quito, cortando a estrada que segue para Pasto.

Assim termina a Batalha de Pichincha, apresentada em sua emoluração sumária.

Sem embargo, antes de focalizarmos os seus efeitos, fixemos, por um momento, nossa atenção para as cores heráldicas da apoteose magnífica. Sintamos o calor desta terrível luta corpo a corpo, de quase duas horas. E, do fundo desse quadro refulge, mais fervente e causticante que as chamas do Pichincha, a figura gloriosa do Ten Abdon Calderón, soldado realmente extraordinário, pela bravura, pela obstinação, sobretudo pelo espírito de sacrifício. Herói autêntico e legítimo, tem seu braço direito decepado pelo inimigo, em meio à luta. Redobra sua agressividade combativa e, pouco depois, outro braço é ferido. Recusando-se peremptoriamente a abandonar o combate, cai mais adiante com as pernas mutiladas, para morrer pouco depois, exclamando: Viva a Liberdade! Viva a República!

Calderón, Senhores, com seus 18 anos, personifica o ideal sublime de liberdade, tão espontâneo e ativo nesse povo jovem, para quem a morte, ao invés de matar a glória, estimula sua redenção. Sublima-a.

4 — ENTREVISTA DE GUAYAQUIL

Com a derrota dos realistas em Pichincha termina a Campanha de Quito, rendendo-se as forças de

Aymerich ao Exército de Bolívar. "Resurge, pois, o sentimento nacional dos equatorianos, adormecido durante 300 anos de dominação". A batalha representa seu batismo. E é a figura de Sucre, cuja pouca idade — possuía 27 anos — contrastava com exuberante soma de vitórias, é esse mensageiro da liberdade do reino histórico de Quito, que vai possibilitar a concretização do "Non Plus Ultra" da dominação espanhola".

Se a glória maior em Quito não lhe cabe, que em verdade é política e o Cmt supremo era Bolívar, contudo, o galardão de libertador de Guayaquil a ele pertence, inequivocamente. Foi o herói magnânimo, compreensivo e transigente, que possibilitou o desabrochar do sentimento de liberdade dos guayaquilenhos. Não por fraqueza ou pusilanimidade, que nunca evidenciou, antes porque entendia quão profundo, sincero e alevantado era o ideal de emancipação política desse povo.

Abre-se, desse modo, após a libertação de Quito, o impasse de Guayaquil convulsionada, que procura unir-se a Quito. Pois se ambas as Províncias se libertam dos reinóis na mesma época e apresentam objetivos comuns, por que lhes atribuir destinos diferentes? Por que imprimir sentidos diversos a dois povos que se querem unir para a paz e a prosperidade democráticas?

O impasse está criado, quando aflora, em primeira plana, a figura inconfundível de San Martín que — ao invés de descer do pedestal da grandiosidade a que se tinha alçado, pelo acervo excepcional de serviços prestados à causa do Prata, do Chile e do Alto Peru — ao contrário mais se eleva, quando cede às ponderações de Bolívar, chegando a Guayaquil dias antes.

A histórica Entrevista de Guayaquil não tem, pois, outro propósito que não este: — o de entenderem-se os dois gênios militares e políticos da América Espanhola, no sentido de garantir a Unidade Nacional do povo equa-

toriano, pela reunião das Províncias de Quito e Guayaquil numa só Pátria. Numa só Bandeira.

Vêde, então, que cenário majestoso, magnífico, o que se descortina quando do encontro histórico: — a desassombhada Guayaquil, intransigente, peremptória e obstinada nos seus princípios de liberdade, associando-se às idéias de Quito, principalmente depois que esta alcança a maioria política! Fermentava de entusiasmo e de determinação patriótica e nacionalista, à medida que as solicitações para a Colômbia e Peru se acentuavam, como esforços contrários e antagônicos. E os protagonistas?

Bolívar, aquele mesmo libertador, que, vindo do extremo norte, atinge o máximo de sua glória, de sua grandeza militar e política ao pisar em Guayaquil, estava na plenitude de sua exuberância política e entendia que o destino de Guayaquil devia ser decidido segundo o poder nacional e a preponderância americana. Segundo a teoria da Integridade Nacional e, não, sob a tese da Autonomia Provincial.

San Martin, igualmente defensor dos ideais, hispano-americanos, subira os Andes para plantar no Peru a bandeira de sua emancipação política e aí permanecer para manter aceso o facho da liberdade, que os ventos patrióticos mais e mais atiçavam.

E é do binômio Bolívar-San Martin, historicamente traduzido pelo que representaram as conferências entre os dois maiores heróis hispano-americanos, pela extensão de sua atuação, pela projeção de sua obra e, sobretudo, pela influência nas demais comunidades, é daí que resultam acontecimentos de extraordinária significação, tais como:

— definição, no seu aspecto histórico-geográfico, da Província de Guayaquil;

— estabelecimento da forma de forma de governo mais condizente com os Estados nascentes e suas verdadeiras aspirações;

— regulação dos atos terminais da guerra no Peru, juntamente com os detalhes relativos aos ajustes militares;

— fixação de normas para a demarcação dos limites entre o Peru e a Colômbia;

— e medidas para o comportamento da comunidade hispano-americana, principalmente quanto ao Peru, México e Chile, detalhando seus aspectos particulares.

Eis aí, Srs., o verdadeiro sentido da Entrevista de Guayaquil. Aí sucumbiram os antagonismos dos movimentos revolucionários do N e do S da América Espanhola, “neste arco iluminado do Equador do Novo Mundo, com seu horizonte marítimo e suas cadeias de montanhas gigantescas em perspectiva, suas palmeiras sempre verdes e seus vulcões incandescentes”. Os sentimentos de divergência entre as províncias libertadas, tão caracteristicamente concretizados na instabilidade política do território guayaquilenho, ora solicitado para o Peru, ora aspirado por Colômbia, mas sempre poderosamente impulsionado por uma terceira força, equidistante dessas duas, desaparecem compreensiva e pacificamente. E por completo, refulgindo da glória de Pichincha e, principalmente Guayaquil, a união definitiva das duas Províncias Andinas numa só nacionalidade: a Pátria Equatoriana.

5 — CONCLUSÃO

Senhores, vamos concluir.

Pareceu-nos ser esta a melhor forma de significar nossa admiração à República do Equador, tão dignamente representada nesta Casa pelos ilustres camaradas que conosco labutam, na oportunidade do transcurso de mais um aniversário de sua Independência. Que, em verdade, foi extraordinária a contribuição desse valoroso povo dos Andes à Consolidação da independência hispano-americana, à Paz e à Fraternidade entre os Povos dessa parte do Novo Mundo. De

relêvo excepcional foi a influência geopolítica de Quito e Guayaquil no quadro das relações entre os Vice-Reinados do Peru e da Colômbia.

E alguns de seus aspectos mais expressivos, apenas trazidos à meditação dos Srs., aí estão confirmando a assertiva.

Com Atahualpa, Espejo e Calderón balizamos a trajetória gloriosa do sentimento patriótico e da emancipação nacional. Em Sucre e Bolívar reflete o ideal de libertação das Províncias de Guayaquil e Quito. E, finalmente, na inteligência da Entrevista de Guayaquil, vamos procurar a definição verdadeiramente pan-americanista do que se devia entender por vivência entre as comunidades andinas de então: compreensão, equilíbrio e fraternidade continentais, como afirmação do ideal florescente do sonho de Bolívar, que necessitava de realidade positiva e concreta.

Se já houve quem afirmasse que “para a determinação da grandeza relativa de Bolívar e San Martín, seria necessário medir antes o Amazonas e os Andes”, diríamos nós que, para avaliar a extensão e a profundidade do papel geopolí-

tico representado pelo nascimento do Equador, teríamos que integrar toda a América Espanhola, esmiuçando-a num só estudo.

Saudemos, pois, nós outros das Nações Americanas aqui presentes, o glorioso Exército do Equador, depositário de tradições tão elevadas e dignificantes. Tradições que afirmarão, cada vez mais no futuro, o anseio, não apenas dos equatorianos, mas de toda a América de Colombo, a América dos Americanos — no sentido de se manterem os povos livres da opressão.

E tu, Calderón! Continua a inspirar as gerações de hoje e do futuro, que teu exemplo já ultrapassou as fronteiras pátrias, empolgando a todos os que não se curvam à escravidão e ao domínio estrangeiro.

Que não sejam necessárias outras Batalhas de Pichincha! Que, no entanto, se reacendam as chamas do vulcão andino e suas lavas incandescentes se espalhem por toda a América, se necessário fôr, pluralizando-se aos milhares os Calderón, para repelir o inimigo comum da Paz e da Liberdade deste Continente. ✱



TENENTE

Assine A DEFESA NACIONAL remetendo diretamente para seu Diretor-Gerente a quantia de Cr\$ 100,00. Esta Revista — a mais antiga do Exército — poderá auxiliá-lo por ocasião de seu ingresso na EsAO e posteriormente na ECEME.

DUAS OPINIÕES

"A comparação do Estado com organismos altamente desenvolvidos é imperfeita e muitas tentativas de apreciá-lo cientificamente como um organismo, poucos frutos têm trazido, devido, principalmente, a que tais analogias entre os agregados humanos e a estrutura dos organismos biológicos são, na verdade, limitadas".

RATZEL

*
* *

"Os Estados são seres conscientes e racionais como homem. Interesses, preconceitos, instintos e, sobretudo, o instinto de conservação, a vontade de crescer, a vontade de viver e a vontade de poder, determinam a vida das Nações".

KJELLÉN

*
* *

"Deveis ter sempre em vista que é loucura o esperar uma Nação favores desinteressados de outra; e que tudo quanto uma Nação recebe como favor terá de pagar, mais tarde, com uma parte de sua independência".

WASHINGTON

*
* *

"A logística deve preocupar-se mais com o tempo que com a distância. As tropas combatentes não querem saber se os suprimentos estão longe ou perto. O que desejam é recebê-los no momento oportuno".